

O COLÉGIO PEDRO II NA MEMORIALÍSTICA DE PEDRO NAVA¹

Márcio José Pereira de Camargo²
Wilson Sandano³

Resumo. Neste trabalho, investigamos a série memorialística de Pedro Nava (1903 - 1984), visando discutir as representações da escola presentes nos volumes *Balão cativo: memórias 2* (1973) e *Chão de ferro: memórias 3* (1976), particularmente nos capítulos que tratam das experiências do autor no internato do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, entre 1916 e 1920. Tomando-se tais obras como objeto de estudo, analisa-se a (re)construção do passado escolar levada a efeito pelo escritor a partir de suas memórias e de um rico acervo de documentos pessoais. Como suporte teórico, recorremos aos estudos de Aguiar (1998), Artières (1998), Dozol (2009), Halbwachs (1990), Meneses (1992), Pereira (1993 e 2001), Schueroff (2012), Silva (2011), Vale (2009, 2011 e 2018), dentre outros. Os resultados da pesquisa apontam para uma narrativa que transita entre o caráter autobiográfico e o cunho ficcional. Retrato em ambas as obras analisadas, o Colégio Pedro II é a instituição por excelência quando o assunto é tradição, o que fica evidenciado nas descrições e relatos que o memorialista apresenta ao falar das comemorações, do qualificado corpo docente e do alunado que o frequentou, seletivo “clube” que viria a compor os importantes quadros da intelectualidade brasileira durante o século XX. Tradição, modelo educacional, técnicas pedagógicas modernizantes, laços de amizade, entre outros aspectos, são apenas alguns exemplos da visão positiva que nutre as memórias do escritor ao retomar seus anos de internato.

Palavras-chave: Memórias escolares; Colégio Pedro II; Pedro Nava.

Abstract. The Colégio Pedro II in the memorialistic of Pedro Nava. In this work, we investigate the memorialist series of Pedro Nava (1903 - 1984), aiming to discuss the representations of the school present in the volumes *Balão cativo: memórias 2* (1973) and *Chão de ferro: memórias 3* (1976), particularly in the chapters that tell the author's experiences at the boarding school of Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, between 1916 and 1920. Taking these works as an object of study, we analyze the (re)construction of the school past carried out by the writer from his memories and personal documents. As theoretical support, we used the studies of Aguiar (1998), Artières (1998), Dozol (2009), Halbwachs (1990), Meneses (1992), Pereira (1993 and 2001), Schueroff (2012), Silva (2011), Vale (2009, 2011 and 2018), among others. The results of the research point to a narrative that transitions between the autobiographical character and the fictional character. Portrayed in both works analyzed, the Colégio Pedro II is the institution par excellence when it comes to tradition, which is evidenced in the descriptions and reports that the memorialist presents when talking about the celebrations, the qualified faculty and the select group of students who would make up the Brazilian intellectual elite during the twentieth century. Tradition, educational model, modernizing pedagogical techniques, bonds of friendship, are just some examples of the positive vision that permeates the writer's memories when revisiting his years of boarding school.

Keywords: School memories; Colégio Pedro II; Pedro Nava.

¹ Este escrito corresponde a um recorte de pesquisa de doutoramento realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO).

² Possui Licenciatura em Letras (Português Espanhol) e Mestrado e Doutorado em Educação pela UNISO. É professor de ensino superior do Centro Paula Souza. E-mail: marcio.camargo3@fatec.sp.gov.br.

³ Possui bacharelado e licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. Mestrado e e Doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Foi coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação da UNISO.

Resumen. El Colégio Pedro II en la memorialística de Pedro Nava. En este trabajo, investigamos la serie memorialística de Pedro Nava (1903 - 1984), con el objetivo de discutir las representaciones de la escuela presentes en los volúmenes *Balão cativo: memórias 2* (1973) y *Chão de ferro: memórias 3* (1976), particularmente en los capítulos que tratan de las experiencias del autor en el internado del Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, entre 1916 y 1920. Tomando estas obras como objeto de estudio, analizamos la (re)construcción del pasado escolar llevada a cabo por el escritor a partir de sus memorias y documentos personales. Como soporte teórico, se recurre a los estudios de Aguiar (1998), Artières (1998), Dozol (2009), Halbwachs (1990), Meneses (1992), Pereira (1993 y 2001), Schueroff (2012), Silva (2011), Vale (2009, 2011 y 2018), y otros. Los resultados apuntan a una narrativa que transita entre el carácter autobiográfico y la ficción. Retrato en ambos trabajos analizados, el Colégio Pedro II es la institución por excelencia en lo que respecta a la tradición, lo que se evidencia en las descripciones e informes que el memorialista presenta al hablar de las celebraciones, del cuerpo docente calificado y de la categoría de sus estudiantes, futuros exponentes de la intelectualidad brasileña durante el siglo XX. Tradición, modelo educativo, técnicas pedagógicas modernizadoras, vínculos de amistad, son algunos de los ejemplos de la visión positiva sobre la cual se asienta la memoria del escritor al revisitar sus años de internado.

Palabras llave: Memorias escolares; Colégio Pedro II; Pedro Nava.

1 Introdução

Este estudo percorre os meandros da narrativa memorialista do médico e escritor mineiro, Pedro da Silva Nava (1903 - 1984), com o intuito de discutir as representações da escola, desvelar subjetividades e capturar os sentidos acerca da mesma que vão sendo construídos ao longo da narrativa, no momento mesmo da criação de sua obra.

Trata-se de um recorte de investigação realizada, para cujo procedimento elegemos a pesquisa bibliográfica e, como tal, tem como escopo dois volumes da série memorialista do escritor: *Balão cativo: memórias/2* (1973) e *Chão de ferro: memórias/3* (1976), particularmente nos capítulos em que se relatam as experiências do autor como aluno interno do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, entre 1916 e 1920.

Num primeiro momento, faremos algumas reflexões sobre a memória e suas relações com a história, discutindo conceitos e percorrendo textos que buscam elucidar nuances dessa categoria de atividade humana – aqui vista também como gênero literário – e suas interfaces com a autobiografia e com a própria história.

Em seguida, ao tomarmos as obras *Balão cativo: memórias/2* e *Chão de ferro: memórias/3* como objetos de estudo, analisaremos as representações sobre o colégio Pedro II na ótica de Pedro Nava, com o intuito de discutir o processo de (re)construção do passado escolar que o escritor empreendeu valendo-se de sua memória, de um rico acervo de documentos pessoais e alguma dose de inventividade.

2 Memória: breves reflexões

Ao discorrer sobre a memória, na perspectiva filosófica, Leonhardt (2014) nos lembra a origem grega da palavra: *mnéme*, que remete ao sentido de saber, ter conhecimento. De difícil definição, comumente se associa à lembrança, à reminiscência ou mesmo ao esquecimento. Examinar essa habilidade humana para entender seu funcionamento implica considerá-la como “esse elemento fluido que não se deixa segurar, mas que se manifesta num incessante movimento de se presentificar e escapulir, de se mostrar e desaparecer, de se expor e ocultar” (Leonhardt, 2014, p. 18).

Em seu livro *Seduzidos pela memória*, Huyssen (2004) aponta o paradoxo que se instaura no enfoque sobre memória e passado: acusa-se a cultura da memória contemporânea de amnésia, elevada ao grau de “perda da consciência histórica”, afirmação que se sustenta na crítica à mídia e aos avanços tecnológicos, ainda que se admita que ela própria, a mídia, seja responsável por tornar a memória cada vez mais disponível. Neste ponto, questiona o autor:

Mas e se [...] o aumento explosivo de memória for inevitavelmente acompanhado de um aumento explosivo de esquecimento? E se as relações entre memória e esquecimento estiverem realmente sendo transformadas, sob pressões nas quais as novas tecnologias da informação, as políticas midiáticas e o consumismo desenfreado estiverem começando a cobrar o seu preço? (Huyssen, 2004, p. 18).

Halbwachs (2006) destaca o aspecto coletivo da memória. Para o autor, no primeiro plano da memória de um grupo, predominam os eventos oriundos da experiência vivida pela maioria de seus membros, resultantes de sua própria vida ou das relações travadas com os grupos mais próximos. As lembranças relacionadas a uma parcela ínfima desse grupo, ou mesmo a um único membro, tendem a ocupar um segundo plano de memória.

Para o autor, “nem sempre encontramos as lembranças que procuramos, porque temos de esperar que as circunstâncias, sobre as quais nossa vontade não tem muita influência, as despertem e as representem para nós” (Halbwachs, 2006, p. 53). É o caso, por exemplo, de nossas lembranças de rostos de amigos e detalhes de uma fisionomia: “Para reencontrar a imagem do rosto de um amigo que não vemos há muito tempo, é preciso aproximar, reunir, fundir umas com as outras as inúmeras lembranças parciais, incompletas e esquemáticas que guardamos” (Halbwachs, 2006, p. 56).

Em paralelo a essa reflexão, é válido anotar que na obra memorialista de Pedro Nava, objeto de estudo desta investigação, numa de suas digressões o narrador reflete sobre essa viagem da memória, imprimindo poeticamente à narrativa as tintas indeléveis da saudade. A propósito, note-se a analogia que ele faz entre o volume de uma tradução inglesa dos contos de

Andersen, que lhe presenteara tio Salles, com sua própria infância (ou seu passado). Bastava folhear suas páginas amareladas que o sentia novo e parecia recuperar o vigor da meninice. “O papel do meu livrinho está todo amarelo de ser lido há cinquenta e seis anos [...] Mas basta que eu comece sua releitura para senti-lo novo em folha, claras páginas, iluminuras resplandecentes, dorso reluzente. E logo um sangue menino circula em minhas veias [...]” (Nava, 1974, p. 208-209).

Confessa-nos, o memorialista, que seu projeto de registro do passado esbarra na questão temporal e nas armadilhas pelas quais a memória impõe limitações à sequência narrativa:

Na evocação que venho fazendo de minhas andanças com tio Salles não posso separar o que pertence a 1916 ou a 1917. Aliás é impossível restaurar o passado em estado de pureza. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas. [...] A viagem da memória não tem possibilidades de ser feita numa só direção: a do passado para o presente (Nava, 1974, p. 221).

A reflexão que nos propõe Nava aponta para a transitoriedade do tempo em meio à evocação da memória. A esse respeito, recorremos a Guarinello (1994), para quem a memória oferece-nos a oportunidade de reconhecer o caráter transitório do presente, vendo-o não como realidade fixa e imutável, mas como produto humano passível de transformação.

Também nesse sentido, Meneses (1992, p. 11) nos ensina que “a elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar”.

Em referência às práticas de escrita de si, Artières (1998, p. 11) fala do “arquivamento do eu”. Sustenta que arquivamos nossas vidas em resposta a uma injunção social, segundo a qual “o indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico”. Afirma que a autobiografia é a prática mais acabada desse arquivamento e chega a aduzir que “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (Artières, 1998, p. 11).

Nessa perspectiva, Gondra (1999, p. 34) defende que “o entendimento do caráter da narrativa autobiográfica como a mais acabada forma de arquivamento e de produção da memória potencializa a utilização desse gênero literário como fonte para a pesquisa histórica”. Ressalte-se, contudo, a reflexão com que nos adverte Pereira (1993, p. 189), para quem:

Se, por um lado, as Memórias se mostram avessas às apropriações de estudiosos que nelas procuram somente “provas” de determinados momentos da história (de grupos, cultural, política), por outro lado, se apresentam como discursos que constroem representações. Elas não se referem a uma realidade da qual seriam um mero reflexo, uma parte. Elas são a “realidade”.

Para Vale (2011, p. 96), “os textos de Nava marcaram o memorialismo brasileiro, um gênero literário que, anteriormente considerado menor, começou a ter maior receptividade na década de 1970”.

Por fim, reportemo-nos a Cardoso e Oliveira (2017, p. 30), que nos lembram da relação intrínseca entre a escola e a memória:

A escola é um lugar de memória. Ao atravessarmos as marcas do tempo, nos deparamos com inúmeros vestígios reconhecíveis de sua história, tais como o papel pautado, o quadro-negro e o giz, a entrada da escola com seu hall de circulação, os muros que a rodeiam, a arquitetura escolar.

Façamos, pois, essa travessia pelas marcas do tempo, em que Pedro Nava revisita seu passado como aluno interno do Pedro II e recupera impressões, sensações diversas e sentimentos, conferindo novos sentidos para sua experiência no tradicional colégio.

3 O Colégio Pedro II nas *Memórias* de Nava

A série memorialista de Pedro Nava inaugura-se com *Baú de ossos: memórias/1* (1972), que trata predominantemente do passado familiar, e tem sequência em *Balão cativo: memórias/2* (1973), cuja narrativa corresponde ao período entre o retorno para Minas e os estudos secundários vividos no Rio de Janeiro como interno no Colégio Pedro II. Contudo, os anos de internato na prestigiada instituição de tradição imperial receberiam atenção especial no volume seguinte: *Chão de ferro: memórias/3*, cujo lançamento se dera em 1976 (Schueroff, 2012).

Importa assinalar que a escola ocupa espaço privilegiado nas memórias de Nava. Os volumes dedicados a retratar o período escolar são marcados por observações e reflexões sobre fatos, lugares, objetos, pessoas e situações; elementos que direta ou indiretamente constituíram as experiências do jovem Pedro e, maturados pela ação do tempo, forjariam o homem, médico e escritor em quem se transformaria.

Em meio às histórias familiares, os capítulos iniciais de *Balão cativo: memórias/2* retratam o período em que o narrador realizou seus estudos primários, entre 1911 e 1915, nas cidades mineiras de Juiz de Fora e Belo Horizonte, destacando-se os dois últimos anos do quinquênio, quando frequentou o internato do Colégio Anglo-Mineiro, na capital (Vale, 2009). No capítulo final, o narrador dá início ao relato sobre sua experiência no Colégio Pedro II, ao qual subjazem formas peculiares de representação, tanto da instituição, como da experiência de formação, e que constituem objeto de estudo da pesquisa que deu origem a este artigo.

Sobre o colégio, Vale (2018) afirma que se trata de um estabelecimento federal notadamente de vocação preparatória para o ensino superior, voltado a adolescentes oriundos de camadas privilegiadas da sociedade. Fundado em 2 de dezembro de 1837, por decreto que converteu em escola de instrução secundária o Seminário de São Joaquim, criado em 1739 com o nome de Colégio dos Órfãos de São Pedro, o Colégio Pedro II destinava-se a ser o padrão do ensino secundário do Império na capital da Corte, como afirma Cardoso (2013), bem como constituir-se-ia no modelo oficial a ser reproduzido nas províncias, razão pela qual sua história se confunde com a própria história da educação no Brasil.

Nas primeiras páginas do último capítulo de *Balão cativo: memórias/2*, antes de iniciar a narrativa de seus anos no colégio, Nava afirma: “Orfanato humilde no início, modesto seminário em seguida, o colégio seria no Primeiro Reinado, no Segundo e na República, **a glória de nosso ensino**. Tudo o que há de mais ilustre na vida brasileira recebeu seu influxo e criou-se no seu espírito” (Nava, 1974, p. 268, grifo nosso).

Note-se o orgulho que representava para Nava ter feito parte de uma privilegiada casta intelectual da sociedade brasileira, composta por ex-alunos do Pedro II, sentimento que se manifesta mais pelo caráter coletivo de representatividade social do que propriamente por razões individuais. Para Monteiro (2015, p.95), “A disciplina, o rigor, os insígnies mestres, os alunos com nomes de mais de trezentos anos conferiam àquele espaço o destacado lugar social. Lugar da e para a elite, podemos dizer, para a elite das elites”. Ao retratar o colégio, Nava extrapola os aspectos autobiográficos e assume o papel de historiador, inserindo seu relato num projeto maior, que se coaduna com a história da educação brasileira:

Historiando meu colégio, aqui vou repetindo Moreira de Azevedo, Macedo, Vieira Fazenda – que aliás se repetem uns aos outros, a partir de Monsenhor Pizarro. Tomei ainda da monografia de Escagnolle Dória publicada por ocasião do assim chamado Primeiro Centenário do Pedro II; da coletânea da mesma época levada a efeito por Ignésil Marinho e Luís Inneco; de publicação sem nome de autor, prefaciada pelo Diretor Vandick Londres da Nóbrega e datada de 1965, do volume V do Anuário da Casa, referente aos tempos bacharelados de minha turma; de recortes de jornais, de reportagens (Nava, 1974, p. 273).

Cardoso (2013) assinala que, no decorrer de décadas, já em tempos republicanos, várias práticas de memória coletiva concorreriam para consolidar a centralidade do colégio na história da educação no Brasil, bem como seu reconhecimento público. Nesse sentido, cabe aludir ao relato que Nava constrói em *Balão cativo: memórias/2*, acerca do desfile de 4 de dezembro de 1937, evento que fazia parte das comemorações do Primeiro Centenário do Colégio Pedro II, ocasião de grande concentração de ex-alunos. O narrador registra sua presença e a de colegas ilustres: “com a maior pontualidade e dando gargalhadas de menino, ali nos reunimos Prudente

de Moraes, neto, Afonso Arinos de Melo Franco e eu” (Nava, 1974, p. 265). Ao descrever o desfile, relata: “passamos diante do palanque das autoridades. Agitamos festivamente nossas flâmulas, fomos reconhecidos pelo Ministro Gustavo Capanema que bracejou em direção dos seus amigos” (Nava, 1974, p. 266).

A propósito de ilustres ex-alunos, Nava ufana-se de seu colégio, ao invocar, como numa lista de chamada atemporal, nomes representativos da cultura brasileira de todos os tempos:

Não resisto à tentação de escrever uma longa série de nomes, cada um elo da cadeia que nos une numa imensa e secular família espiritual. São os nossos colegas de todos os tempos. Dormimos nos mesmos dormitórios, comemos da mesma comida, passamos pelas mesmas punições, tivemos os mesmos mestres e deles recebemos os mesmos ensinamentos, os mesmos respos, os mesmos prêmios, as mesmas categorias mentais e morais (Nava, 1974, p. 268).

São recorrentes as digressões de que lança mão Nava para refletir sobre o processo criativo de suas memórias. Em outro segmento, o narrador acrescenta um dado significativo sobre suas fontes documentais: “Mas para reavivar a memória e poder contar dos cinco anos que passei interno recorri também ao prodigioso álbum sobre o *Internato do Ginásio Nacional do Rio de Janeiro*, de 1909 [...]” (Nava, 1974, p. 273). Do referido álbum, vale dizer, constavam dados históricos da instituição, resumo do regulamento e vasta documentação fotográfica com registros da comunidade escolar e suas atividades, dos prédios do colégio e até mesmo do bairro. Também serviam de fontes outras publicações de estudantes do seu tempo, e ainda velhos cadernos de aula, provas escritas e bilhetinhos que trocava com os colegas, guardados daqueles tempos, cuja materialidade preenchia as lacunas da memória.

Apesar do caráter historiográfico que Nava procura imprimir às suas *Memórias*, Schueroff (2012, p. 27) observa:

Durante todo o desenrolar das Memórias, vi que o autor se cerca de todos os recursos possíveis para suprir eventuais lapsos que a memória apresente. E quando eles não são preenchidos por coisas materiais (cartas, documentos diversos), a criatividade entra em cena e o texto literário ganha força.

O pesquisador pondera ainda que, por vezes, no fazer do memorialista, “quando não há muito em que se pautar, o que se tem a fazer é deduzir e tentar (re) criar” (SCHUEROFF, 2012, p. 29). Corroborando tal proposição, o próprio narrador nos indaga: “[...] Importa a verdade? Ah! Pilatos, Pilatos... Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança? onde começa a ficção? Talvez sejam inseparáveis. [...] só há dignidade na recriação. O resto é relatório...” (Nava, 1974, p. 288).

Ao retratar seu ingresso no colégio, cuja história compartilharia entre os anos de 1916 e 1920, Nava mistifica a experiência de rememorar o passado como uma viagem ao interior de si

mesmo, imprimindo-lhe um tom de magia:

Ao passado, ao passado! Vamos a essa prodigiosa abstração do Tempo, breve segundo continente do infinito, fabuloso país em que vivi (irreversivelmente) e até onde – nem os automóveis, ou os tapetes mágicos, os trens, os navios, os ventos, os aviões, as nuvens, os módulos espaciais serão capazes de me fazer retornar. Só o pensamento mais rápido que os foguetes estratosféricos, só a saudade-minuto-luz podem me arrebatam nessa viagem para as distâncias siderais de mim mesmo (Nava, 1974, p. 275).

Carneiro (2004, p. 361) assinala que “nas *Memórias* temos presente a mesma ideia de internato como *segundo nascimento* que encontramos n’*O Ateneu*, sendo que em Nava surge mais efetivada essa desvinculação em relação ao mundo familiar”. A aventura do primeiro dia no colégio é sintomática do momento de ruptura com a infância: “Entrei colégio adentro, sozinho. Vareei escadarias, sozinho. Errei caminhos sozinho e sozinho dei no corredor e na porta certa” (Nava, 1974, p. 276). Neste ponto da narrativa, afloram as impressões negativas que frequentemente acometem os novatos, especialmente os estudantes no seu primeiro dia numa nova escola. Sentindo-se como um naufrago e amargando forte sensação de desterro, o narrador busca amparo no primeiro companheiro que lhe dedica um sorriso fraternal, mal advertindo que se tratava de veterano que, instantes depois, aplicar-lhe-ia o primeiro trote.

Ressalte-se que até mesmo os trotes e outras formas de violência e humilhação são naturalizados na narrativa, submetidos que eram a um sistema de regras e hierarquias que se erigiam com base na tradição e se perpetuavam no decorrer do tempo, justificando o processo de amadurecimento dos estudantes e a troca de papéis inerente aos ciclos que se sucediam durante a permanência no colégio. Exemplo disso foi a privação de saída, já no primeiro fim de semana, aplicada ao jovem Nava por um inspetor Goston completamente tomado pela raiva ao ser questionado pelo incauto ingressante sobre que matéria ele ensinava. Note-se que, a despeito da lembrança ruim do castigo, o narrador parece incólume a qualquer espécie de rancor. Bem ao contrário, busca justificar-se:

Mas agora é bom que eu abra um parêntese para se compreender minha narração – é bom que eu diga que não tinha noção exata do que eram os inspetores, no colégio. Não sabia ainda de sua condição mais que humilde de funcionários mal pagos e famélicos, de pobres-diabos geralmente pertencendo a um nível social e a um plano de instrução inferior ao de grande parte dos alunos que eles tinham de guardar e com os quais viviam em luta ferina e sem tréguas (Nava, 1974, p. 279).

Nessa perspectiva, Dozol (2009), ao debruçar-se na análise da memorialística de Nava, observa neste um caráter diferenciado no tratamento que dá ao período escolar em suas representações. Para a pesquisadora, fica patenteada na narrativa do médico e escritor mineiro uma evocação positiva do passado, sem se deixar levar pelo ressentimento comum a obras do gênero, quando o assunto é escola. Seus relatos sobre a experiência escolar parecem

impregnados de um prazeroso senso de humor, de sentimentos de gratidão pelos ensinamentos que levaria para a vida e, predominantemente, de uma saudade infinita.

Aliás, saudade é palavra recorrente ao longo das *Memórias* de Nava. Como observa Botelho (2012) no prefácio de *Chão de ferro: memórias/3*, é a palavra saudade que norteia cada uma das descrições que nos constrói o narrador, conferindo um tom nostálgico à chamada *belle époque* carioca.

É o que se pode comprovar, por exemplo, quando o narrador fala sobre a saudade dos jantares e a memória afetiva das feijoadas preparadas pelo cozinheiro *Urso-Branco*, enaltecendo sua “virtuosidade culinária” e lembrando-se dele com a mesma gratidão que os mestres do Pedro II (Nava, 1976).

Ponto alto do primeiro núcleo narrativo de *Chão de ferro: memórias/3*, para Botelho (2012), o Pedro II é colégio tradicional que remonta aos tempos do Império, destacando-se nele a formação humanista de orientação francófona que permearia o perfil de médico, erudito e memorialista de Nava. Assim, o cotidiano do colégio é retratado em detalhes, o que nos permite uma visão viva da sua formação e legado na cultura brasileira. Concorrem para esse retrato as descrições do prédio e de suas instalações, os horários, as regras, os recreios, o convívio entre os estudantes, o modelo educacional, as atividades didáticas e as técnicas pedagógicas, os uniformes, além, é claro, das descrições pormenorizadas de colegas e professores.

De acordo com Silva (2011, p. 104), “caricaturando os hábitos e o perfil dos professores, alternando seriedade, humor e irreverência, Pedro Nava apresenta suas aulas e os mestres, com seus nomes, alcunhas, estigmas, suas características e a metodologia que adotavam em sala de aula”. Mesmo por meio de descrições caricatas, prática comum em reminiscências escolares, Nava não deixa de reconhecer o papel fundamental dos professores, como é o caso de João Ribeiro, professor de história universal e história do Brasil, de quem herdou o forte sentimento modernista que influenciaria sobremaneira sua geração de intelectuais (BOTELHO, 2012).

Sobre os professores, ressalte-se o caráter enaltecido com que lhes dedica boa parte da narrativa. Competência e benevolência são aspectos muito comuns na descrição do corpo docente. É o caso, dentre outros, de José Júlio da Silva Ramos, carinhosamente chamado “Raminhos”. Responsável pela cátedra de Português, desse filólogo e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, o narrador exalta a pronúncia e o lapidar da palavra. Nava deleitava-se com a descoberta de efeitos e sentidos que se desvelavam pouco a pouco na pronúncia precisa do professor. Dele dissera: “E que homem bom!” (NAVA, 1976, p. 8).

Já o professor de Geografia, Luís Cândido Paranhos de Macedo, vulgo “Tifum”, é alvo de descrição física deplorável. Sobre seu caráter, então, apontam-se os requintes de crueldade

e abusos de autoridade com que ameaçava e humilhava os alunos. Por fim, reportando-nos a Dozol (2009), vinha à tona o signo do perdão, reconhecendo-se que ele era “o melhor dos homens” e falando-se até mesmo de amor filial para com o professor:

O seu Otacílio nos contou que, depois das aulas, ele ia à Secretaria para raspar quase todos os zeros das listas de aula. Só deixava os bem merecidos. Quando soubemos disto nossa estima foi crescendo, dando galho, virou ternura, para acabar feito amizade filial no fim dos dois períodos letivos que ele ministrou [...] (Nava, 1976, p. 13).

Finalizemos este estudo analítico, comentando sobre a ambivalência desse memorialista que ora se reveste do papel de historiador, ora, tendendo para a literatura, entalha as palavras com exuberante poesia, em meio a uma profunda reflexão sobre a existência:

Existir como representação é ser coisa cronológica. As outras águas, as fundas, aí! de nós, que não... Quando sobem no vulcão marinho dos sonhos e pesadelos, abrolham misturando alhos e bugalhos, são capazes de todas as aposições oposições posições, de sequências tão imprevisíveis e arbitrárias como as dos números adoidados de um jogo de dados sem face cubos súcubos feitos de ovoides viscosos abafando na paralisia claustal que explode acordando no longo e difícil urro do maior horror. [...] (Nava, 1976, p. 56).

Como postula Pereira (2001, p. 12-13), nas *Memórias* de Nava, a relação entre a passagem do tempo e a inexorabilidade da morte parece avivada pela velhice:

A decrepitude do corpo, uma espécie de metamorfose do sujeito; o desespero diante do fim da sexualidade; a longevidade traduzida no sofrimento pela morte dos amigos; o testemunho do passado (na perspectiva de um determinado grupo social); a proximidade da morte e a escrita como forma de ação e de reflexão sobre o presente serão alguns dos temas mais constantes imbricados nessa relação.

Sobre o audacioso projeto de elaboração das *Memórias*, Aguiar (1998, p. 15) revela que Nava finalmente “encontraria, assim, o seu gênero de expressão e com ele iria saltar, da noite para o dia, dos bastidores para o palco da cena literária brasileira contemporânea”.

Muito se pode acrescentar a estas reflexões. Porém, ante o caráter sumário deste estudo, buscamos nos ater aos aspectos fulcrais que permeiam a narrativa naveana sobre o Colégio Pedro II. Aspectos que, por sua peculiaridade no âmbito das produções memorialistas da literatura brasileira, permitem dedicar um capítulo especial a Pedro da Silva Nava.

4 Considerações finais

A análise empreendida no bojo deste trabalho permite-nos sustentar a ideia da estreita relação entre a escola e o processo de formação do sujeito, conforme fica substanciado na

narrativa do memorialista. Ao subverter uma ordem cronológica mais estrita, o narrador cria nova ordem para o tempo, que flui suavemente entre o rigor da pesquisa em seus fartos arquivos e os lampejos de uma memória privilegiada, não raro amparada por certa dose de imaginação, confirmando-se o postulado por Schueroff (2012) ao falar do caráter próximo ao ficcional que se imprime, de certa forma, na recriação do ambiente escolar, sobretudo na reconstrução de personagens.

Retratado em ambas as obras analisadas, o Colégio Pedro II é a instituição por excelência quando o assunto é tradição, o que fica evidenciado nas descrições e relatos que o memorialista apresenta ao falar das comemorações, do qualificado corpo docente e do alunado que o frequentou, seletos “clubes” que viria a compor os importantes quadros da intelectualidade brasileira durante o século XX.

Não se pode deixar de anotar a relevância que assumem os laços de amizade, relações que se constroem em meio a contextos mais amplos de sociabilidade e que se constituem em vínculos afetivos de significativa importância na formação da subjetividade individual do narrador, como nos lembra Botelho (2012).

Além disso, como signos da herança desse tempo para Nava, poderíamos elencar o capital social, o vasto repertório cultural, a escola como tradição e modelo educacional, as técnicas pedagógicas modernizantes, entre outros aspectos representativos da visão positiva que nutre as memórias do escritor ao retomar seus anos de internato, que em muito contribuíram para a formação do intelectual.

Por fim, ressalte-se que, para além das contribuições formativas que o colégio lhe aporta, o narrador se serve das suas *Memórias* para retribuir à instituição, ao formar parte de sua memória coletiva, consubstanciada em um conjunto de práticas que a instituem e consolidam por seu valor histórico.

Referências

AGUIAR, Joaquim Alves de. **Espaços da memória**: um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1998.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 12 nov. 2019.

BOTELHO, André. **Chão de ferro**: do mar à montanha, as amigas da vida toda. In: NAVA, Pedro. *Chão de ferro*: memórias/3. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. 2012, (n.p.) (*E-book*)

CARDOSO, Tatyana Marques de Macedo. Colégio Pedro II: a contribuição dos símbolos na formação de sua memória coletiva. In: XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB – UFSC, Florianópolis. **Resumos...** Florianópolis: UFSC, 2013.

CARDOSO, Tatyana Marques de Macedo; OLIVEIRA, Claudia Maria Costa Alves de. Rastros de memórias das práticas disciplinares instituídas no Colégio Pedro II: um olhar para o livro de ocorrência. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 19, n. 1, p. 29-46, abr. 2017. DOI: 10.22483/2177-5796.2017v19n1p29-46. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/2694/2661>. Acesso em: 14 mar. 2020.

CARNEIRO, Rui. Adolescer agrilhado? Visões do internato n'O Ateneu de Raul Pompéia e nas Memórias de Pedro Nava. **Revista das Faculdades de Letras – Línguas e literaturas**, Porto, 2. série, v. 21, p. 351-370, 2004. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4104.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

DOZOL, Marlene de Souza. Memórias escolares: sem ressentimentos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 225-237, mai./ago. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9353>. Acesso em: 13 out. 2018.

GONDRA, José. Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre O Atheneu. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. (Orgs.). **A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 33-58.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória coletiva e história científica. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 14, n. 28, 1994. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000907259>. Acesso em: 27 fev. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

LEONHARDT, Ruth Rieth. A memória na filosofia. In: LEONHARDT, Ruth Rieth (Org.). **Memória, itinerários e leituras**. Guarapuava: Unicentro, 2014, p. 15-42.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, p. 9-23, dez. 1992. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i34p9-23. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497/73267>. Acesso em: 27 fev. 2020.

MONTEIRO, Douglas Tomácio Lopes. **História(s) da educação em trilhos de “Chão de ferro”**: a cultura escolar de inícios do século XX no Colégio Pedro II, sob a secura anfíbio-oceânica de Pedro Nava. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2015.

NAVA, Pedro. **Balão cativo: memórias/2**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.

_____. **Chão de ferro: memórias/3**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

PEREIRA, Maria Luiza Medeiros. **As memórias indiciárias de Pedro Nava**: entre a história, a autobiografia e a ficção. 1993. 206 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269986>. Acesso em: 01 mar. 2021.

_____. **Das aparas do tempo às horas cheias:** uma leitura das Memórias de Pedro Nava. 2001. [s.n.] Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269992>. Acesso em: 27 set. 2019.

SCHUEROFF, Alencar. **Pedro Nava e o potencial (auto) formativo da memória.** 2012. 101 fls. Dissertação. (Mestrado em Educação). Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103428/315058.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 out. 2018.

SILVA, Cleusa Aparecida Fogaça da. **Memórias de uma escola:** Pedro Nava e o Colégio Pedro II. 2011. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, SC, 2011. Disponível em: http://www.bc.furb.br/docs/DS/2011/346447_1_1.PDF. Acesso em: 23 fev. 2020.

VALE, Vanda Arantes do. **Pedro Nava – cronista de uma época:** Medicina e sociedade brasileira (1890 - 1940). 2009. 175 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/VGRO-82TMMD>. Acesso em: 05 out. 2019.

_____. Arquivos e memórias de Pedro Nava: Documentos para a biografia de um modernista. **Verbo de Minas: Letras**, 11(19), 87-104, 2011. Disponível em: https://www.cesjf.br/revistas/verbo_de_minas/edicoes/Numero%2019/05_VANDA.pdf. Acesso em: 15 out. 2018.

_____. Pedro Nava: Memorialista-anatomista da sociedade brasileira (1890 - 1940). In: Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, Campina Grande, PB. **Anais...** Campina Grande, PB, 16, 2018. Disponível em: https://www.16snhct.sbhc.org.br/resources/anais/8/1545189705_ARQUIVO_TrabalhoVandaArantes2-rev.pdf. Acesso em: 29 set. 2019.